

AUGUSTO MARZAGÃO

A dimensão social do desenvolvimento está, basicamente, vinculada aos objetivos de redução da pobreza, do direito à vida condigna e à consequente melhoria da distribuição da renda.

Tais propósitos visam ao cumprimento da maior tarefa que cabe à própria sociedade, como um todo, executar: a promoção do homem.

A mobilização de esforços nesse sentido passa, naturalmente, no Brasil de hoje, pela revisão dos comportamentos do poder público e da iniciativa privada, ademais do próprio cidadão. Vale dizer, a adoção de nova postura na avaliação e no encaminhamento de soluções para as graves questões nacionais que hoje enfrentamos.

O Brasil precisa deixar de ser o País dos discursos. De temática, por vezes, correta. Porém, na prática, ora a prática fica para depois. Convenhamos, isso não pode continuar.

A educação é o outro nome do desenvolvimento. Não pode haver maior prioridade de governo. Não se pode conceber melhor investimento na órbita privada, senão no aperfeiçoamento do seu pessoal.

É certo afirmar-se que a educação gera a boa formação e esta é capaz de sítar a corrupção.

Na atual fase brasileira, a crise de confiança entre as pessoas chega a ser estarrecedora. A palavra pouco vale. O fato verdadeiro não resiste à versão. Enfim, é a subversão dos valores.

Pela minha formação, acredito que aos meios de comunicação, por exemplo, corresponda significativa parcela de responsabilidade para se alterar esse quadro de deformações que não nos valoriza em nada.

A sociedade precisa abrir um crédito de confiança para ela mesma, o País e as instituições. Por que não dizer ao próprio cidadão na sua individualidade?

Sonhamos e festejamos a democracia. E daí? Será que já nos esquecemos dela? A prática democrática é o aperfeiçoamento em marcha. A maior participação que desejamos passa,

também, pelo julgamento pessoal da nossa capacidade de adesão a esse novo tempo, que uma eleição livre foi capaz de fazer brotar. Tempo que exige uma visão interior atualizada de cada compatriota.

O Brasil não quer o novo pelo charme do que venha a ser entendido como novidade. O Brasil quer é viver a modernidade, já. Este é o grande desafio para a sociedade, uma sociedade que se deseja confiante, sem medo de transformações. Uma sociedade capaz de construir um futuro, fora da inércia, dos oportunismos e dos casuísmos dos que almejam o poder pelo poder.

O que todos desejamos é um Estado renovado, onde privatizar não signifique assustar. Onde não se escondam atrás das portas de estatais ineficientes, os conhecidos privilégios dos corporativismos.

Temos que enfrentar a realidade conjuntural, que sabemos não é fácil. Para fazê-lo nada melhor do que um processo educativo, este sim novo, seja na forma de se estruturar o ensino nas escolas, seja no repensar geral do que estamos fazendo ou pensando como fazer, para, enfim, o efetivamente fazer.

Não custa nada reexaminar conceitos antes estratificados, tais como aqueles ligados às chamadas atividades ou áreas estratégicas. No mundo atual, os contornos e os limites desse entendimento ainda serão válidos, na forma como foram concebidos? Qual o receio de se discutir velhos temas?

O mundo mudou e isso se não é novidade, nem todos sabem. A moderna tecnologia aí está com os satélites capacitados a identificar um minúsculo objeto numa longínqua esquina, bem na porta de uma pequena loja da rua principal de Rio Branco, lá no Acre.

O que deve prevalecer na construção desse novo tempo, a que me refiro, é o valor das pessoas, a capacidade de iniciativa, a aplicação ao trabalho. O Brasil é um país maravilhoso, de muitas oportunidades, de venturoso futuro.

Aliás, os empresários sabem disso, principalmente aqueles

CORREIO BRAZILIENSE

pioneiros, construtores da nação, que querem gerar empregos e não extorquir os sofridos assalariados com preços leoninos. A maioria correta não pode ser penalizada pelo comportamento da minoria irresponsável. A justiça deve ser feita.

A hora é de somar. O Brasil está acima de questiúnculas políticas menores. Necessita do apoio de todos. Somente assim vamos fazer prosperar a Pátria inteira, reduzindo as desigualdades sociais entre pessoas e regiões.

Espero que o novo governo, com maiores condições de negociação do que o atual, venha a priorizar os sistemas educativos, principalmente nos primeiros níveis, aí incluindo-se o ensino para o trabalho. A mão-de-obra técnico-profissionalizante é da maior importância para o País.

Os meios de comunicação, também, podem ajudar em outros aspectos, principalmente naqueles de natureza publicitária e cultural. Urge que se recupere alguns dos valores éticos e morais da sociedade, um tanto quanto desgastados.

Agora mesmo, a televisão nos vem mostrando o avanço democrático nos países do Leste europeu. Sinaliza, desde agora, que podem estar surgindo os novos tigres asiáticos em face do interesse ideológico e político, tanto europeu quanto americano, no fortalecimento daquela área do Velho Continente.

O Brasil deve estar atento a estas transformações. Por isso mesmo, temos que trabalhar duro na modernização do nosso parque industrial, sem jacobinismos, pensando única e exclusivamente na crescente competitividade que precisamos e devemos ter no mercado internacional.

A melhoria das condições sociais do povo, fortalecendo-se os padrões internos, é a alternativa correta que seguramente o Brasil vai continuar executando sem temores e com pressa. Somos capazes de fazê-lo. As soluções talvez sejam até simples, basta olhar de forma diferente o dia-a-dia.